

## Transviades contra o sistema transfóbico:

Você sabe o que é genitalismo?

Shay de los Santos Rodriguez<sup>1</sup>

Violet Baudelaire Anzini<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto, que pode ser rotulado como ensaístico, foi escrito por duas pessoas trans, com formação em Arqueologia e problematizadoras por excelência. O intuito dessas palavras e com a leitura deste texto, é de causar questionamentos e inquietações acerca do que está dado como certo ao definir a identidade de gênero e sexual de uma pessoa: a genitália. Realizamos análises e reflexões por meio de nossas pesquisas de trabalho de conclusão de curso na graduação para rebater e destruir o genitalismo. O campo de pesquisa é a prática vivida, a cotidianidade, a experiência rotineira: as nossas vidas.

**Palavras-chave:** Genitalismo; vidas trans; transfobia; estudos de arqueologia.

41

### ABALANDO O SISTEMA

Uma pessoa levanta pela manhã em uma segunda-feira, vai até o banheiro e lava seu rosto, escova seus dentes, coloca uma roupa convencional, como se quisesse dizer ao mundo que é inteligente demais para dizer que se importa com moda, toma um café expresso super cafeinado e sai correndo para não perder o metrô das 7 horas da manhã em uma mega metrópole moderna qualquer. Ao chegar no metrô, essa pessoa comum entre milhares, depara-se com uma imagem que lhe faz tropeçar nas pessoas que caminhavam à sua frente e, assim, derrubar seu café em sua roupa, como se o metrô tivesse saído da linha e causado um grande acidente na estação. Mas era apenas uma

---

1 Arqueólogo e mestrando em Educação. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. [shayleninrodriguez@gmail.com](mailto:shayleninrodriguez@gmail.com).

2 Arqueóloga e mestranda em Arqueologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. [violetalexbaudelaire@gmail.com](mailto:violetalexbaudelaire@gmail.com).

corpa<sup>3</sup> caminhando pela estação de metrô com um vestido vermelho de cauda longa e com um decote nas costas que desce até a coluna cervical, um salto alto preto, cabelo com corte Chanel e com franja curta. Até então todes<sup>4</sup> naquela estação pensavam que se tratava de uma mulher qualquer, exceto pelos ombros mais largos que o quadril e sua morfologia craniana ser muito mais robusta do que as pessoas estão acostumadas a ver em mulheres. É porquê, esta é uma travesti!

Como assim uma travesti? Como assim muitas das milhares de pessoas que passam por essa estação não são cis<sup>5</sup>? Não são mulheres com vagina e homens com pênis? Algunes se benzem, algunes riem, algunes xingam, algunes ameaçam... A mera presença de uma pessoa trans no metrô é capaz de tanto alvoroço que seria digna de sair na manchete do jornal mais importante da cidade? Não haveria coisas mais relevantes para se pensar do que isso? Como o fato de o Brasil ter elegido alguém completamente desqualificado para o cargo de presidente da república em 2018? Por que a presença de uma travesti, de uma mulher trans, de um homem trans, de uma pessoa trans não-binária incomoda tanto a sociedade? Porque elus desafiam, questionam e abalam os pilares da sociedade moderna, elus questionam o genitalismo que estrutura o pensamento binário de sexo-gênero (BAUDELAIRE, 2019; BUTLER, 2017).

Vivemos em uma sociedade que é repleta de pessoas CIS-gêneras, ou seja, que se identificam com a identidade de gênero que lhes foi atribuída no momento de seu nascimento. Essa atribuição é feita pelos médicos e profissionais dos cartórios em função da genitália que o bebê tem ao nascer. Assim, se a pessoa nasce com pênis diz-se que ela deveria ser homem; se a pessoa nasce com vagina, diz-se que ela deveria ser mulher (FOUSTON-STERLING, 1993; PONTES e SILVA, 2018). Por isso, a pessoa que, após

---

3 O termo “corpa”, colocado no feminino, é utilizado quando nos referimos a corpos de mulheres. Quando nos referimos a corpos de homens, então utilizamos o termo “corpo”; e quando queremos nos referir a ambos os gêneros e ou às corporalidades de pessoas que não se enquadram em um gênero binário, utilizamos então o termo “corpe”.

4 O uso de terminações com “E” e “U”, ao invés de “a” e “o”, é utilizado em momentos nos quais queremos nos referir a grupos de pessoas onde não há apenas uma identidade de gênero. Podendo ser mulheres, homens, ou pessoas não-binárias. Por exemplo, as palavras “ele/ ela – eles/ elas” escritas de forma não-binária ficam “elu – elus”; as palavras “linda/ lindo – lindas/ lindos” escritas de forma não binária ficam “linde – lindes”.

5 É uma abreviação da palavra cisgênero, que designa a pessoas que estão em concordância com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer.

esse momento, cresce e continua se identificando dessa forma é chamada de “cisgênera”.

No entanto, elas não nasceram homens e mulheres. Da mesma forma as pessoas trans: elas se tornam homens e mulheres. Porém, sem seu consentimento, elas apenas se encaixaram nas ideias de gênero e sexo que lhes foram impostas quando sequer sabiam o que eram essas coisas, muitas vezes antes mesmo de nascerem (BAUDELAIRE, 2019; BUTLER, 2017).

O genitalismo é como convencionalmente chamamos o conjunto de ideias, signos e símbolos que foram construídos ao longo do tempo para criar um discurso em nossa sociedade sobre a ideia de genitália. Nem sempre existiu uma palavra genitália, nem sempre houve uma ideia de sexo, esses significados e palavras são construtos recentes na história da humanidade, e, portanto, específicos de uma sociedade. Em mais de 40 mil anos em que as sociedades humanas vêm desenvolvendo fenômenos culturais, apenas entre 2 e 4 mil anos antes do presente podemos encontrar vestígios das ideias de homem e mulher, como nas antigas sociedades Grega, Romana, Egípcia e Orientais; inclusive nesses contextos, as genitálias humanas eram interpretadas de uma forma diferente e talvez nem um pouco binário (HÄMÄLÄINEN, 2020). Logo, as próprias relações de gênero eram outras (LAQUEUR, 2001). Aqui está o ponto do artigo: abordar como o gentilismo contemporâneo historicamente estrutura as relações sociais cotidianas, desde o moldar de identidades até o processo de construir sexualidades.

Para esta tarefa, este ensaio é construído de duas formas: primeiro, mostraremos como o discurso genitalista foi construído em nossa sociedade a partir do século XVII e depois tomaremos como material teórico e empírico para nossas interpretações, reflexões e críticas, duas pesquisas<sup>6</sup> que desenvolvemos no âmbito da Arqueologia do Contemporâneo e de Gênero sobre corporalidades trans em nossas graduações, entre 2018 e 2019.

## **BUCETA E PAU: A INVENÇÃO DO MAL**

---

<sup>6</sup> As pesquisas são “Se eu comprej, então é meu!: coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade”, de Shay de Los Santos Rodriguez, e “A queda do falo: Arqueologia do cotidiano de travestis e mulheres trans”, de Violet Baudelaire Anzini.

A ideia de sexo binário, ou seja, dividido em pênis e vagina foi inventada em meados do século XVII pela Anatomia Médica e pela Biologia, que ascendiam como áreas do conhecimento durante a Renascença, ou seja, na transformação em uma sociedade moderna (LAQUEUR, 2001; FOUCAULT, 2014). Eram essas e outras ciências, que viriam a ditar a verdade sobre o mundo e as corporalidades, almejando verdades absolutas e padrões comportamentais. O poder de dizer a verdade passou a ser legitimado, mais ainda: o poder de dizer a verdade sobre corpos, suas partes anatômicas, sexos, sexualidades etc. Mas e antes disso? O que havia?

Durante a Antiguidade Clássica, a anatomia humana era estudada pelos Gregos por intermédio da medicina hipocrática e galênica. Para os pensadores que seguiam essas vertentes não existiam dois sexos para a espécie humana, e sim apenas um sexo (LAQUEUR, 2001). O que chamamos de vagina era compreendido como uma inversão do pênis e não como uma genitália anatomicamente diferente, como se fosse um pênis atrofiado. As palavras em grego e latim utilizadas para se referir a pênis e vagina eram as mesmas, “períneos”. Durante toda a Idade Média, ou era medieval, se acreditou nessa cosmovisão de mundo, que foi chamada de Teoria do Sexo Único. Embora existissem ideias binárias de homens e mulheres para os gregos antigos, essa categoria era definida com base em coisas metafísicas, ou seja, significados e símbolos que faziam parte da “alma” das pessoas e não nos corpos (LAQUEUR, 2001).

Todavia, a anatomia moderna com sua tendência cartesiana em binarizar o mundo, resolveu separar pênis de vagina, para criar duas genitálias distintas. De fato, elas são diferentes, mas, muitas vezes, os graus entre o que define o que constitui um pênis e uma vagina são muitos e podem se misturar. Enquanto a anatomia greco-romana antiga invisibilizava a vagina e genitálias intersexuais<sup>7</sup>, a anatomia moderna passou a invisibilizar apenas as genitálias intersexuais

---

<sup>7</sup> A condição intersexo é caracterizada pela mescla de características anatômicas e fisiológicas, sejam micro ou macroscópicas, do que convencionalmente se considerou como masculino ou feminino. A intersexualidade pode ser compreendida microscopicamente em pessoas cujos cromossomos sexuais não sejam XX ou XY, e pode ser compreendida macroscopicamente em genitálias com características ambíguas ou com estruturas anatômicas bem desenvolvidas juntas (como um pênis e um útero em um mesmo corpo). Aproximadamente 4% da população humana é intersexo e existem diversos graus de intersexualidade na espécie humana (JOEL & FAUSTO-STERLING, 2016).

Não existe apenas pênis ou vagina. As genitálias humanas podem ser classificadas em até cinco categorias, de acordo com Anne Fausto-Sterling e, segundo esta autora, talvez essas cinco categorias não sejam suficientes. Quando uma pessoa nasce com uma genitália intersexo é tendência de profissionais da saúde submeter recém nascidos a cirurgias de redesignação sexual, para adequar suas genitálias a uma ideia morfoanatômica de vagina ou pênis, geralmente construindo uma “vagina cirúrgica” (FUSTO-STERLING, 1993). Durante milhares de anos, as pessoas intersexo podiam viver com suas genitálias sem que isso causasse problemas, então por que deveriam ser submetidas a cirurgias?

Porque desde que foi criado a Biologia, como ciência, biólogos criaram os conceitos de macho e fêmea como sinônimos de homem e mulher, e o que definiria essas duas categorias seriam o pênis e a vagina. Assim, a ciência moderna, capitalista, cis-heterocentrada e branca teve essa tendência em criar categorias de sexo e gênero que pudessem ser provadas em uma materialidade convencionalmente considerada biológica e, portanto, natural, que legitimaria a ideia de homem e mulher e a heterossexualidade como naturais. Porém, “pênis” e “vagina” foram apenas palavras criadas por cientistas para se referir a partes anatômicas de corpos humanos e, ao fazerem isso, ignoraram o fato de que, em outras sociedades, as genitálias tinham outros nomes, outras formas de classificação, que não eram binárias e as identidades em muitas sociedades nem sempre foram construídas em função da variabilidade anatômica de genitálias (HÄMÄLÄINEN, 2020).

Assim se inventaram genitálias, gêneros e sexualidades binárias. Chamaram-nas de “naturais” para justificar um modo de vida social cisgênero e heterossexual no qual as outras sociedades e as pessoas de nossa sociedade que não se enquadravam nesses padrões não seriam capazes de existir, seriam consideradas corporalidades abjetas (BUTLER, 2017) e ilegítimas. Assim nasceu a sociedade genitalista, na qual as identidades são definidas pela genitália que as pessoas têm, na qual quem não tem as genitálias não existe, ou reside nas margens, num limbo. O limbo de vários campos, na educação, no mercado de trabalho, nas relações afetivas e sexuais etc. E é cômico como homem, mulher, macho, fêmea, sexo e pênis são categorias completamente artificiais e historicamente determinadas.

## HOMENS DE BUCETA QUE COMPRAM PAUS PELA INTERNET

Porque o homem é mais homem que o homem? Essa foi a pergunta que de los Santos Rodriguez (2019) tinha feito no primeiro capítulo de seu livro intitulado “Se eu comprei, então é meu!: coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade”. Reformulando, então: afinal, por que o homem cis é mais homem que o homem trans? Aprendemos que existe uma masculinidade hegemônica, uma masculinidade que é “verdadeira” perante as outras múltiplas que existem, e as transmasculinidades – que abarca o maior número possível de identidades e expressões masculinas – são vistas como inferiores. O homem cis, branco, heterossexual, heteronormativo pertence a masculinidade hegemônica e todos os homens que fogem dessas categorias estão excluídos da hegemonia masculinista e pertencidos nas masculinidades subordinadas (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013) e masculinidades clandestinas (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019). Sartre (1970) um dia disse que: *a existência precede a essência. Pois as pessoas nada mais são aquilo que elas fazem de si mesmas.*

46

Mesmo a masculinidade hegemônica sendo normativa, o mais curioso é que uma pequena minoria segue esse modelo à risca ou quase. Conforme Connell (2016), as masculinidades possuem indicadores socialmente construídos de práticas de gênero. E esses indicadores são criados por intermédio de um processo histórico com proporções globais (CONNELL, 2016, p. 94).

Connell (2016) também questiona as perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade, pois nem todo homem é agressivo, machista, pratica estupro ou tem um pênis. Muitos homens não representam o sistema e as práticas patriarcais machistas, mas o fazem, conforme mencionamos com Sartre, ao terem suas existências masculinas desenhadas desde múltiplos fatores de influência, como: mídia, educação, controle social, religião etc. Existe uma variedade de masculinidades, por isso, o significado de masculino pode variar de acordo com a região, país ou continente.

Para falar sobre masculinidade, é preciso abordar gênero. Segundo Scott (1995), é imprescindível ter uma visão mais global e usar três categorias para entender uma nova história: gênero, classe e raça. Assim, para Scott (1995, p. 89) é pelo gênero que o poder político é concebido, legitimado e criticado, gênero é sinônimo de poder, logo gênero abarca as relações de poder.

Mas por que mencionamos *gênero* aqui? Porque é costumeiro relacionarmos o significado de gênero com o de sexo e o significado de sexo atribuído aos genitais. Scott (1995) já dizia que gênero tem poder, digo que o sexo tem poder e, assim, o genitalismo tem poder. E não se enganem: gênero é construção... e o sexo? Para Butler (2017), sexo também é.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nula (BUTLER, 2017, p. 27).

Portanto, se tudo é construção, podemos deduzir que a Biologia não é um fator determinante, não é o destino. E a cultura é? Segundo Butler (2017), se o determinante cultural possui um discurso hegemônico, a estrutura se configura como universal. Gênero não é uma verdade, sexo não é uma verdade, genitalismo não é uma verdade. Nós performatizamos o gênero no dia a dia, nos vestimos e agimos e fazemos o gênero, assim como o sexo, independentemente como.

Retomando a masculinidade hegemônica, os homens gays, negros, trans, não têm lugar de visibilidade e reconhecimento masculino “verdadeiro”, pois são menos homens que o homem cis, branco e heterossexual. Existem várias masculinidades, diversas formas de ser masculino, não devemos nos agarrar nas caixinhas binárias e escolher entre os objetos femininos ou masculinos. E nem deixar que nos definam pelo que temos – ou não – entre as pernas. “Sou homem porque nasci com pênis”. É necessário desvincular a imagem de um genital na identificação de uma identidade de gênero, é necessário arrancar o pênis do domínio masculino hegemônico.

O pênis é a representação do homem? Essa foi a pergunta norteadora e que deu origem ao livro do autor de los Santos Rodriguez (2019) mencionado antes. A resposta é não, mas e aí? Essa resposta não diz muita coisa. Se o pênis não é a representação do homem, por que, não é?

Conforme Laqueur (2001), acreditava-se há muito tempo na ideia de um corpo único ou de sexo único. Corpos ditos de homens e de mulheres eram tomados como um só. O autor mostrou que o gênero e o sexo não passam de encenações. E que a divisão entre os corpos é uma invenção humana recente. Tanto o sexo, o gênero e o corpo, são puras e meras construções nossas. E mesmo sabendo disso, gostando e vivendo em conformidade com o nosso corpo, acabamos nos sentindo mal por isso, pois, afinal, aprendemos desde muito cedo que homens têm pênis e mulheres tem vagina. “O simples ato de nos amarmos como nós somos, já é uma arma de destruição contra a fragilidade do sistema heterocentrado” (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019, p. 74).

Todes nós devemos poder ter a autonomia de sermos quem somos, sem restrições, sem alguém nos dizendo que o que somos está errado. Entretanto, ainda no mundo atual, são enormes os receios e os perigos de nos afirmar e gritar sem medo para a sociedade ou para outra pessoa. Sabe aquela mentira que de tanto repetirmos acaba se tornando uma verdade? É basicamente isso que acontece com o gênero. Mais uma vez saliento que as categorias binárias de ser homem ou mulher não são estáticas, são construções sociais, criadas e mantidas por nós mesmas. Assim como a mentira, de tanto performatizarmos o gênero no nosso cotidiano, acabamos acreditando sermos aquilo que o discurso de identidade de gênero binária diz que somos.

A categoria de homem está inserida na ordem binária de gênero, fadada ao indivíduo que nasceu com o órgão genital dito masculino – o pênis – e, por esse fato, lhe é determinado na subcategoria de macho, sendo adestrado social, cultural e politicamente para performatizar os papéis que lhe são designados e dirigidos ao que a nossa sociedade chama de masculinidade. Se somos homens ou mulheres, é por mero reducionismo biológico e determinismo social. Nas palavras de Lanz (2018), *não há nenhuma necessidade em possuir um rótulo para ser quem somos, pois, ser só é possível sendo.*

Não é preciso se agarrar com unhas e dentes na masculinidade hegemônica dominante e heterocentrada, não é preciso ter um corpo musculoso e forte, não é preciso cancelar os sentimentos e as emoções, não é preciso forçar grosseria e rigidez, não é preciso odiar o feminino e não é preciso ter nascido com um pênis para ser homem. Pare e pense, ser homem é só aprender a ser. A biologia e a anatomia não são o destino, ser o que é, é um processo de aprendizado (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019, p. 102).



Já presenciamos e ouvimos muitas pessoas afirmando: “isso que é um homem de verdade”. Então, se existem de fato homens de verdade, será que existem homens de mentira? Latour um dia disse: “o falso é aquilo que dá valor ao verdadeiro” (LATOURE, 1994, p. 92). Lembram do assunto sobre masculinidades hegemônicas e masculinidades clandestinas? Então, se pensarmos em uma perspectiva das relações de gênero, às masculinidades clandestinas vistas como falsas, dão mais valor e legitimidade às masculinidades hegemônicas, vistas como verdadeiras. E o fator decisivo da verdade ou da falsidade, seria o genital. Nas palavras do autor Shay de los Santos Rodriguez, que aqui escreve: Eu sou homem trans, e tenho um pênis, eu não nasci com ele, mas eu comprei. EU TENHO UM PÊNIS. Mas nem por isso sou visto como homem no meu cotidiano. Ora, ora, será que temos uma ruptura no genitalismo e na expressão: homem tem pênis e mulher vagina?

Preciado (2014) atenta para uma possível solução para terminar com a diferenciação dos corpos em conformidade com os órgãos genitais: o ânus. Esse que está para além das fronteiras anatômicas impostas pela distinção sexual, afinal, todes temos um ânus, não? “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda” (PRECIADO, 2014, p. 32).

O meu pênis, que pode ser chamado de *packer*, é uma prótese peniana pensada e produzida para homens trans e pessoas transmasculinas. O *packer* é como uma reinvenção da natureza e do determinismo essencialista da anatomia dos corpos heteronormativos, e também rompe com a ideia cartesiana de natureza/tecnologia. Mais uma vez enfatizamos que o pênis precisa sair do domínio masculino hegemônico e alcançar a todos os corpos, seja esse pênis biológico ou não, seja um corpo masculino, feminino ou não-binário. Pessoas têm pênis e pessoas têm vaginas. Existem pessoas com órgãos genitais, e que usam e ressignificam o sexo e o gênero da maneira que bem entendem.

## SEXUALIDADE GENITALISTA E O FALOCENTRISMO

Se, por um lado, o genitalismo influencia e caracteriza muitas relações de gênero e ainda assim conseguimos invertê-las ou destruí-las, o mesmo acontece com o campo da

sexualidade, até mesmo porque as sexualidades consideradas legítimas e inteligíveis foram construídas com base nas ideias de gênero/sexo genitalistas. Ser cis está muitas vezes associado a ser heteronormativo. Um homem gay cis e afeminado, embora ainda seja considerado homem cis, é convencionalmente considerado menos cis e menos homem quando comparado ao homem cis heterossexual e heteronormativo. De certa forma, a cisgeneridade é feita de uma forma que possa ser reafirmada pela heterossexualidade e heteronormatividade numa cultura genitalista e falocêntrica. Ou seja, na qual gênero e sexualidade giram em torno de uma genitália conhecida como falo (ANZINI, 2021).

Na pesquisa<sup>8</sup> de Violet Baudelaire Anzini, foi abordada diversas questões relacionadas ao cotidiano das mulheres trans e travestis, evidenciando como as coisas<sup>9</sup> cotidianas que constitui nossas corporalidades criam códigos de inteligibilidade social entre as pessoas cis e as pessoas trans. Assim, as relações sociais dependem desses códigos sociais que performamos por meio de nossos corpos, gestos, vestimentas, tons de vozes e palavras, criando discursos e signos socialmente convencionados para comunicar nossas identidades de gênero. Quando performamos estamos estabelecendo interações com as outras pessoas, mas se não temos os signos que são considerados inteligíveis pela rede de significados cis-heteronormativa, então é como se não conseguíssemos estabelecer essas interações (ANZINI, 2021). Esse fenômeno cria uma barreira quase invisível, separando as pessoas trans das cis, e nos joga para as margens da paisagem, para os locais privados, onde as interações consideradas ilegítimas são possíveis sem serem destruídas pela pressão do CISTema (ANZINI, 2021).

---

8 A Queda do Falo: Arqueologia do cotidiano de travestis e mulheres trans (ANZINI, 2021).

9 O conceito de coisa que utilizamos neste artigo é uma referência da obra de Tim Ingold, “Trazendo as Coisas de Volta a Vida”. Para ele, o conceito de cultura material é embebido pelo cartesianismo moderno que divide nossas formas de pensamento em coisas binárias. Logo, o tradicional conceito de “cultura material” legitima a ideia de que a cultura pode ser separada em imaterialidade, como os comportamentos, e materialidades como os artefatos. Mas compreendemos que, na verdade, estas coisas estão misturadas o tempo todo. Quando, pensamos corpos de mulheres, estamos pensando, inclusive, em seus significados que são imateriais, que comunicam discursos, mas que dependem dos signos, ou seja, das coisas materiais que constituem suas performances corporais, nesta trama matéria e imatéria se misturam criando coisas, as coisas são uma mistura dos dois em uma só. Para estudar os fenômenos humanos cotidianos decidimos utilizar este conceito por melhor se adequar à forma como interpretamos e entendemos como o mundo funciona e pode ser analisado, ou seja, através das coisas.

Com base nessa forma de ver e analisar as relações sociais em nossa sociedade, pudemos perceber como a vida cotidiana das mulheres trans e travestis pode ser atravessada por essas barreiras estruturantes de relações sociais. Relações estruturadas pelos signos corporais; e, logo pelas coisas que constituem o corpo, e por “coisa” compreendemos algo que é físico e metafísico, então é o corpo, mas antes disso é a ideia de que desse corpo é que se estrutura e dão vida às relações sociais (INGOLD, 2012). Essa foi a maior contribuição que a Arqueologia nos forneceu para estudar as mulheres trans no mundo cisgênero. Porém, percebi algo mais interessante ainda, como as sexualidades das pessoas também são atravessadas por essa rede de coisas que embasam a cultura genitalista. Criando uma sociedade onde as pessoas, em especial os homens héteros, embora se sintam atraídos pelas mulheres trans, não conseguem demonstrar publicamente seu desejo e afeto, por isso não as assumem, e as procuram em locais e paisagens onde esse desejo pode ser saciado às escondidas, no privado de quatro paredes. Para impedir que o ato seja publicamente revelado, eles pagam pelo silêncio delas, varrendo-as para a prostituição e, ao mesmo tempo, para o limbo afetivo<sup>10</sup>. Estudos etnográficos como este que a autora Violet Anzini (2021) fez, demonstram como este fenômeno acontece com frequência nas vidas de mulheres trans e travestis (ANZINI, 2021; SILVA, 2007; KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005, SIQUEIRA, 2004; PELÚCIO, 2009; MIGUEL, 2017; ZAMPIROLI, 2017; TEIXEIRA, 2011; GARCIA, 2007; MÜLLER, 2011; SOARES, 2012; SEFFNER, 2012; GALLI, 2013). O afeto é negado e corpos transfemininas são tratadas apenas como objetos sexuais, o que é conhecido como hipersexualização.

A hipersexualização acontece por conta da exotificação de corpos trans. Existem homens héteros que sentem atração por mulheres com pau, pois existem estereótipos historicamente construídos sobre as mulheres trans, que injustamente as associam às ideias de sexo fácil, prostituição, violência, e coisas exóticas, mas que também é associado ao prazer e a liberdade sexual, como se as mulheres trans e travestis, fossem

---

10 Limbo Afetivo é um conceito desenvolvido para se referir às relações de privilégios afetivos e sexuais, onde os corpos considerados inteligíveis pela sociedade, habitam o centro das relações afetivas e sexuais, enquanto que os corpos considerados ininteligíveis encontram dificuldades de estabelecer relações afetivas e sexuais saudáveis, sendo assim, é como se estes corpos habitassem um espaço onde não há afeto.

naturalmente programadas para satisfazer todos os fetiches sexuais de um homem. Ao mesmo tempo, esses homens não conseguem se sentir atraídos por homens com pau, pois o que os atrai em uma mulher trans não é um pênis carregado das ideias de masculinidade, mas sim uma pau. Sim, uma pau de mulher! Uma pau carregada de feminilidade. Pois as mulheres não possuem o falo. Aí está a principal diferença: o falo é a ideia de masculinidade que se esconde por detrás da imagem de um pau. Contudo, um pau, sem os signos de masculinidade, deixa de ser um falo. Assim, as mulheres trans podem ter uma pau, mas não têm o falo, ou seja, não têm a masculinidade e os privilégios que o falo traz. Da mesma forma, um homem trans cisgenderizado pode ou não ter um pau, mas, ainda assim, possui o falo.

Por outro lado, as mulheres trans muitas vezes são impedidas de serem o falo, pois ser o falo é mostrar ao mundo que os homens que têm este falo são heterossexuais (BUTLER, 2017). Para isso, os homens heterossexuais precisam afirmar sua heterossexualidade, provando socialmente para os outros homens que são héteros, e, nesse sentido, precisam ser vistos desejando e amando mulheres (BUTLER, 2017). Mas em nossa sociedade existe uma ideia hegemônica de feminilidade e mulheridade<sup>11</sup>, e esse padrão de sexualidade hegemônica é o cis, heterossexual e branco. Logo, se você é uma mulher que não se encaixa nesse padrão, então sua mulheridade é considerada menos legítima e ininteligível: é considerada menos mulher ou, em muitos casos, nem é considerada mulher por boa parte da sociedade. Em uma sociedade na qual ser mulher é definido com base na ideia de ter nascido com uma vagina, tornar-se mulher com um pau e ser reconhecida como mulher é muito difícil.

Assim, quando um homem hétero é visto por outros homens, demonstrando desejo e afeto publicamente por uma mulher trans, sua masculinidade e heterossexualidade são praticamente deslegitimadas socialmente, isso acontece por que as mulheres trans geralmente não são vistas enquanto mulheres legítimas pelos demais

---

<sup>11</sup> O conceito de feminilidade surgiu apenas a partir do século XVI, enquanto a palavra mulher remonta desde a antiguidade clássica. Sendo assim, a ideia de feminilidade surgiu como resultado da transformação das sociedades medievais nas sociedades modernas. Neste sentido, feminilidade surgiu como adjetivo caracterizador para a “mulher moderna e capitalista”, mesmo que nem todas as mulheres construam suas identidades com base numa feminilidade hegemônica. Portanto, feminilidade responde à um espectro de ideais binárias, enquanto mulheridade corresponde a outro espectro muito mais amplo e antigo. Isso não significa que ambas as palavras não possam coexistir juntas.

homens<sup>12</sup>, então estes “demais homens” passam a considerar o homem que sente atração sexual-afetiva por uma mulher trans não é mais hétero, e portanto, que não é mais homem, ou que passa a ser considerado menos homem que o homem cis-hétero. Assim, as mulheres trans criam um efeito contrário daquele em que as mulheres cis criam na sociedade falocêntrica: enquanto as mulheres cis passam a legitimar o poder falocêntrico dos homens héteros, as mulheres trans fazem com que o falo caia. Mas o homem continua sendo hétero, ele apenas não é mais visto enquanto homem hétero pelos outros homens, pois a transfobia destes outros homens é baseada nos constructos genitalistas que definem gênero, e, portanto, sexualidade. Para saciar seu desejo por mulheres trans sem perder seus privilégios de “homem”, esses homens as procuram no sigilo e, muitas vezes, as matam por medo de ter seu desejo revelado. Assim, geram altos índices de transfeminicídio no Brasil, considerado o mais alto do mundo (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2019).

Percebemos durante a pesquisa, que existem homens heterossexuais que são capazes de questionar essa estrutura e assumirem relações públicas com mulheres trans. Existem homens que foram ensinados a se sentirem atraídos por mulheres com vagina, e não conseguiram se desprender dessas amarras. O mesmo pode acontecer com as mulheres lésbicas: onde muitas conseguem se sentir atraídas por mulheres cis, mas não por mulheres trans. Porém, a maioria das relações públicas de mulheres trans são lésbicas, pois as mulheres lésbicas não precisam ser vistas ao lado de um símbolo falocêntrico para serem consideradas lésbicas. Da mesma forma que os homens gays passam por algo parecido: existem homens gays que conseguem se sentir atraídos por homens com vagina, mas não por mulheres com vagina e existem homens gays genitalistas, que só se sentem atraídos por homens com pau.

A sexualidade genitalista é quase sempre transfóbica, pois costumam ser orientadas para corpos considerados heteronormativos. O mesmo pode ser aplicado para pessoas bissexuais. Toda categoria de sexualidade é muito complexa e pode ser ou não atravessada pelo genitalismo. Um homem heterossexual não genitalista, ou seja, que se sente atraído por mulheres independente delas terem uma pau, uma vagina, ou uma

---

12 E pela sociedade transmisógena em geral.

genitália intersexual é mais desconstruído que um gay que se sente atraído apenas por homens com pênis (ANZINI, 2021).

O movimento da pansexualidade foi uma das primeiras críticas às sexualidades genitalistas, pois consiste em uma forma de sexualidade onde o desejo é orientado para as pessoas independentemente de suas genitálias, formas, cores, etnias, raças, etc. A princípio, esta forma de sexualidade seria uma descolonização total do desejo, mas quem consegue se desprender de todas as amarras colonialistas que impregnam nossas relações de gênero, sexualidade, raça, etnia etc?

## ALGUMAS INQUIETAÇÕES FINAIS

Não é possível adentrar e explorar o campo da sexualidade de forma tão densa e satisfatória como gostaríamos nesse breve ensaio. Não pudemos escrever tudo sobre as poucas sexualidades que mencionamos, nem escrever sobre todas as sexualidades e genitálias que existem, pedimos desculpas por aquelas que esquecemos de citar ou que não pudemos nos debruçar por mais palavras, mas acreditamos que as críticas ao genitalismo foram brevemente abordadas e, então, que elas apontam como é preciso lutar todos os dias contra o genitalismo, nas definições de nossas identidades, nas práticas sociais cotidianas, nas nossas sexualidades, etc. Dessa forma, desconstruir o genitalismo é desconstruir o binarismo, o falocentrismo, o patriarcado, o machismo e a transfobia, e todas estas desconstruções só são válidas quando lutamos também contra o racismo e o capitalismo. Evidente muitas vezes somos prendidos por uma linha ou outra desse emaranhado de discursos e práticas de ódio, mas que isso não nos faça desistir de continuar a cortar essa rede perversa que constitui nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANZINI, Violet Baudelaire. **A Queda do Falo: arqueologia do cotidiano de travestis e mulheres trans**. 1ª Ed. Porto Alegre, Edição da Autora, 2021.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEVIDES, Bruna G. NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (orgs). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Civilização brasileira, 2017. 287p. (Coleção Sujeito&História).

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Editora Nversos, 2016.

CONNELL & MESSERSCHMIDT. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, Shay. **Se eu comprei, então é meu!: coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade**. – 1. Ed. – Rio Grande – RS: CLP, 2019. 226 p.

FAUSTO-STERLING, Anne. **The Five Sexes: why male and female are not enough**. In: The Sciences March/April 1993, p. 20-24.

55

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: a vontade do saber**. V: 1. Ed: 09. Paz e Terra, Brasil, 2014.

GARCIA, Marcos. **Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda**. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALLI, Rafael. **Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo**. 2013. 212 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

INGOLD, Tim. **Trazendo as Coisas de Volta à Vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JOEL, Daphina & FAUSTO-STERLING, Anne. **Beyond sex differences: new approaches for thinking about variation in brain structure and function**. In: Philosophical Transactions. Royal Society B. 371, 2016.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. [1998]. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LANZ, Leticia. **Porque tenho medo de lhe dizer quem eu sou.** In: Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. / Organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro...[et al.]. – Rio Grande: Ed. Da FURG, 2018. 215p.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud/Thomas Laqueur;** tradução Vera Whately. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. 152 p. (Coleção TRANS).

MÜLLER, Magnor Ido; SEFFNER, Fernando. **Quem ama sofre, quem sofre luta, quem luta vence: da conjugalidade entre travestis e seus maridos.** Soc. e Cult., v. 15, n. 2, p. 285-295, jul./dez., 2012.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PONTES, Julia Clara. SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Cis-normatividade e Passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans.** In. Periódicus, Salvador, n. 8, v. 1, nov.2017-abr. 2018.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual.** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n° 1, edições, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **L' Existentialisme est un humanisme.** Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria de útil de análise histórica.** In: Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul/dez, 1995.

SILVA, Hélio. **Travestis: entre o espelho e a rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOARES, Milene. **Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais.** 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, Flavia. **L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição.** Cadernos Pagu, n. 31, p.275-308, 2008.



ZAMPIROLI, Oswaldo. **Amores Subterrâneos: Família e conjugalidades em trajetórias de prostitutas trans-travestis.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

**“Transviades<sup>13</sup>” against the transphobic system:**

Do you know what is the genitalism?

**Abstract:** This paper may be categorized as an essay paper, it was written by two transgender people, who was graduated in archaeology and are excelente problematizers. The objective with this words and the read is cause questions and retlessness about what had been considered “right” to define the people gender identity and sexuality, that is the genitalia. We accomplish analyzes and reflections trough our researchs in the end of our graduate, to controvert and hit the genitalism. The research field of this work is the self ethnography, is the daily life, is the rotine experience, is our trans lifes.

**Keywords:** Genitalism; trans lives; transphobia; archeology studies.

**“Transviades” contra el sistema transfóbico:**

57

¿Sabes qué es el genitalismo?

**Resumen:** Este texto, que puede catalogarse como ensayo, fue escrito por dos personas trans, formadas en Arqueología y problematizadoras por excelencia. El propósito de estas palabras y con la lectura de este texto, es generar interrogantes e inquietudes sobre lo que se da por sentado a la hora de definir el género y la identidad sexual de una persona: los genitales. Realizamos análisis y reflexiones a través de nuestro trabajo de investigación al final de la carrera para combatir y destruir el genitalismo. El campo de investigación es la práctica vivida, la vida diaria, la experiencia rutinaria: nuestras vidas.

**Palabras clave:** Genitalismo; vidas trans; transfobia; estudios de arqueología.

**Recebido: 22/01/2021**

**Aceito: 25/03/2021**

---

13 O termo transviade é uma categoria que surgiu no contexto do movimento LGTBQI+ no Brasil, por se tratar de uma categoria propriamente latino-brasileira e não haver um termo equivalente para tal substantivo em inglês, optamos por manter a palavra com a mesma grafia no abstract.